



“FÉ CEGA, FACA AMOLADA” EM DEFESA DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS COMO FERRAMENTA PARA A DISCUSSÃO DAS ÁFRICAS NO BRASIL

Marcos Paulo Amorim dos Santos¹

Resumo: Este artigo pretende problematizar a ausência das religiões afro-brasileiras no ensino de África, traçando relações entre produções acadêmicas sobre sociedades africanas pré-coloniais e algumas características investigadas por inúmeros pesquisadores sobre religiões afro-brasileiras. As relações entre sociedades e bibliografias mobilizadas, servem para instrumentalizar, em pressupostos acadêmicos, uma discussão cada vez mais obscurecida no ensino das Áfricas no Brasil.

Palavras-chave: História da África pré-colonial; religiões Afro-brasileiras; história comparada.

"BLIND FAITH, SHARP KNIFE" IN DEFENSE OF AFRO-BRAZILIAN RELIGIONS AS A TOOL FOR THE DISCUSSION OF AFRICAS IN BRAZIL

Abstract: This article intends to problematize the absence of Afro-Brazilian religions in the teaching of Africa, drawing relations between academic productions about pre-colonial African societies and some characteristics investigated by numerous researchers on Afro-Brazilian religions. The relationships between societies and mobilized bibliographies serve to help, in academic assumptions, an increasingly obscure discussion in the teaching of Africa in Brazil.

Keywords: history of pre-colonial Africa; Afro-Brazilian religions; history.

“FOI AVEUGLE, COUTEAU REBROYÉ” EN DEFENSE DES RELIGIONS AFRO-BRÉSILIENNES COMME UN OUTIL POUR LA DISCUSSION DES AFRIQUES AU BRÉSIL

Résumé: Cet article vise à problématiser l'absence des religions afro-brésiliennes dans l'enseignement d'Afrique, en traçant les liens entre les productions académiques sur sociétés africaines précoloniales et certaines caractéristiques étudiées par de nombreux chercheurs sur les religions afro-brésiliennes. Les relations entre les entreprises et les bibliographies mobilisées servent à instrumentaliser des hypothèses académiques, une discussion de plus en plus obscurcie dans l'enseignement des Afriques au Brésil.

Mots-clés: histoire de précoloniaire en Afrique; religions afro-brésiliennes; histoire comparée.

“FÉ CIEGA, CUCHILLO AFILADO” EN DEFENSA DE LAS RELIGIONES AFRO-BRASILEÑAS COMO HERRAMIENTA PARA LA DISCUSIÓN DE LAS ÁFRICAS EN BRASIL

¹Cursando pós-graduação Stricto-Sensu em História pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Especialização em Estudos Brasileiros: Sociedade e Cultura pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (2014). Graduado em História (2011). Foi educador no Museu da Língua Portuguesa, além de professor contratado pela Secretária de Estado da Educação de São Paulo (SEE/SP) até 2013. Possui experiência em história, antropologia, prática pedagógica para alunos de Ensino Fundamental e Médio, além de prática de educação em museus. Email: macospaulo_3@hotmail.com



Resumen: Este artículo pretende problematizar la ausencia de las religiones afro-brasileñas en la enseñanza de África, desarrollando relaciones entre producciones académicas sobre sociedades africanas pre-coloniales y algunos rasgos investigados por inúmeros investigadores sobre religiones afro-brasileñas. Las relaciones entre sociedades y bibliografías, sirven para instrumentalizar, en presupuestos académicos, una discusión cada vez más oscurecida en la enseñanza de las Áfricas en Brasil.

Palabras-clave: historia de África pre-colonial; religiones afro-brasileñas; historia comparada.

APRESENTAÇÃO

As religiões afro-brasileiras já foram quase que ferramenta única para o ensino de África no Brasil. Contudo, o fortalecimento do movimento negro - somados à promulgação de leis importantes no combate ao racismo, à saber: a lei 10.558/02² e 10.639/03³ – trouxeram uma maior variedade e elasticidade nos estudos sobre o continente africano. Essa postura ampliou os instrumentos de propagação da temática não só no senso comum, mas (e, sobretudo) nas escolas e universidades do país.

O que poderia ser visto como um benefício para o ensino e para a pesquisa acabou gerando outro descompasso: o afastamento das religiões afro-brasileiras como aporte para a discussão e ensino do outro lado do Atlântico no Brasil. Evidentemente, isso não poderia ser visto como fenômeno isolado em nossa história; posto os muitos fatores que devem ser conjugados afim de uma análise coerente sobre qualquer passado recente ou não (Veyne, 1995, 181). Par-e-passo com o que classificamos como uma maior “profissionalização em África”, houve também um recente aumento dos grupos evangélicos⁴ no país e, por consequência, de sua influência política. Essas convicções religiosas criaram empecilhos para os professores que se utilizavam das religiões afro-brasileiras como uma ferramenta para um debate sobre a permanência do sistema cosmológico africano no Brasil, colocando em xeque os pressupostos de uma educação voltada a diversidade e ao empoderamento indicados pelas duas leis já citadas.

Este artigo pretende demonstrar o leque de possibilidades oferecido pelas religiões afro-brasileiras como ferramenta discursiva sobre o continente africano,

² Conhecida vulgarmente por “Lei de Cotas”, essa se institui como um projeto para a inclusão do negro no Ensino Superior. O texto da lei obriga as instituições aderentes a reservar uma porcentagem de suas vagas a alunos declaradamente negros.

³ Lei que obriga o Ensino da África e da cultura afro-brasileira nas escolas públicas e privadas do país.

⁴ O censo de 2010 estima que, mais de 30% da população do Brasil seja evangélica. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/amostra/>. Acesso: 14/05/2015.



esmiuçando características da religião em algumas sociedades africanas com o intuito de objetivar permanências ou rupturas no pensamento religioso afro-brasileiro. Mais do que isso, esse texto se produz em resposta a uma urgência do que classificamos, parafraseando a canção, de “fé cega, faça amolada”. Isto é, a crença exclusiva em uma confissão religiosa, que permite um tratamento violento sobre qualquer manifestação que esteja longe de seu próprio ideal de fé⁵.

Para dar conta dessa problemática, esse texto se utiliza de uma metodologia calcada em uma história comparada entre algumas sociedades africanas da chamada pré-colonização e algumas especificidades das religiões afro-brasileiras. Em alguns momentos, esse texto se valerá do diálogo que, eventualmente, pode ser produzido entre essa relação, identificando também as diferenças sutis e igualmente necessárias entre os dois contextos sociais e culturais. As escolhas das sociedades ou dos casos selecionados no interior das religiões afro-brasileiras se colocam em razão da fundamentação dos autores citados na bibliografia aqui utilizada.

Ressalto, por fim, que a inquietação (em outras palavras, o “problema”, apenas para utilizar um termo quase canônico na historiografia) que originou esse texto surgiu da leitura da tese de doutoramento defendida pela Antropóloga Rachel Rua Baptista Bakke na Universidade de São Paulo em 2011. Nesse texto, a autora coloca em perspectiva os meandros de aplicação da Lei 10.639/2003 com uma rica análise de materiais didáticos distribuídos na rede pública e ainda com entrevistas a educadores e gestores destas instituições de ensino. Como a própria autora aponta, valendo-se da contribuição de seus entrevistados, o livro didático foi e ainda é forte influência para o ensino das Áfricas na educação básica do país (p.107). Longe de discordar do concluído pela pesquisadora, nos propomos a acrescer à relação das Áfricas com as Religiões

⁵ Quase que diariamente, a Imprensa - sobretudo a Imprensa ligada às confissões religiosas evangélicas – noticia algum tipo de violência ao povo de Santo, principalmente em âmbito escolar. Apenas para destacar um exemplo, quando da data de elaboração desse texto, circulava pelas redes sociais reportagem de 2012 em que alunos de uma Escola Estadual de Manaus ao invés de produzirem uma pesquisa sobre cultura afro-brasileira, preferiram discutir a ação de sua Igreja no Continente Africano. Infelizmente, a reprodução do estereótipo imperialista e colonizador por parte dos alunos não é o único problema do caso. A alegação dos estudantes é que o trabalho escolar feria seus princípios religiosos, pois, tratar de África e afro-brasilidade é o mesmo que falar de satanismo e homossexualidade. Disponível em: http://acritica.uol.com.br/noticias/Amazonas-Manaus-Cotidiano-Polemica-alunos-professores-trabalho-escolar-afro-brasileiro-evangelicos-satanismo-homossexualismo-espirtismo_0_808119201.html. Acesso em: 20 de abril de 2015.



Afro-Brasileiras outras referências de cunho acadêmico. Evidentemente, mais exemplos poderiam ser colocados e igualmente mobilizados, como os estudos de Pierre Verger (Cf. Verger, 2012), por exemplo. Todavia, e dada a relação com a bibliografia aqui abordada, deixaremos alguns pontos dessa relação ainda abertos na esperança de que novas e outras produções possam aparecer e, assim, a história também ocupar um lugar de debate sobre as religiões afro-brasileiras.

O HOMEM ENTRE DOIS MUNDOS: PRESENCAS DA VIDA MATERIAL E DO SAGRADO EM ÁFRICA E NO BRASIL

“Na praia, esperam-nos. É a família, quase completa. Os homens à frente, pés banhados pelo rio, acenam-nos. As mulheres atrás, braços de umas cruzando braços de outras como que segurando um só corpo. Nenhuma delas me olha no rosto.

Quando me dispunha a avançar, o tio me puxa para trás, quase violento. Ajoelha-se na areia e, com a mão esquerda, desenha um círculo no chão. Junto à margem, o rabisco divide os mundos – de um lado, a família; do outro, nós, os chegados. Ficam todos assim, parados, à espera. Até que uma onda desfaz o desenho na areia. Olhando a berma do rio, o Tio Abstinência profere:

- O homem trança, o rio destrança.

Estava escrito o respeito pelo rio, o grande mandador. Acatara-se o costume. Só então Abstinência e meu pai avançam para os abraços. Voltando-se para mim, meu tio autoriza:

- Agora, sim, receba os cumprimentos!

Nada demora mais que as cortesias africanas. Saúdam-se os presentes, os idos, os chegados.” (Couto, 2003, p.24)

O trecho acima, retirado da obra do moçambicano Mia Couto, ilustra algumas problemáticas que podem ser suscitadas tanto numa discussão sobre África, quanto nas religiões afro-brasileiras: a presença do homem em dois mundos: o da “civilização” e da tradição (como é o caso do personagem Mariano), o mundo material e espiritual (como é o caso das religiões afro-brasileiras) ou mesmo a crença na tradição e no sistema político contemporâneo e ocidental (como é o caso de algumas sociedades africanas).

A narrativa de dois mundos pode ser interpretada em outra relação existente no universo religioso afro-brasileiro: a existência do mundo espiritual (*Òrun*) e o mundo material (*ayé*). Esse mundo espiritual, frequentemente lembrado na liturgia das religiões afro-brasileiras, é fundamentado por sua ligação com a África o que



propiciaria discussões sobre a relação com o solo ancestral e a formação das sociedades africanas pré-colonização.

Mais do que isso, a África representada nos espaços religiosos afro-brasileiros, simboliza a permanência de uma tradição que não deve ser esquecida, a coletivização e subversão de uma hierarquia ocidental pautada em moldes econômicos, conforme documento produzido pelo Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à fome em 2011:

“Os espaços de práticas das religiões de matriz africana são, no Brasil, não apenas locais de culto religioso, mas também instrumentos de preservação das tradições ancestrais africanas e de luta contra o preconceito e de combate à desigualdade social. [...] em sua maioria, estão localizados em área de vulnerabilidade social e caracterizam-se como espaços de solidariedade, acolhimento e promoção de ações sociais para toda a população que vive em seu entorno.” (MDS, 2011, p15. Apud: Greeb, et.al, 2014, p.23).

Nesse sentido, uma história da África que tem como suporte religiões afro-brasileiras, coloca em evidência a formação de coletividades, da relação intrínseca entre a tradição e a contemporaneidade. Aliás, estas analogias podem igualmente destacar a

“‘translocação’ da inteligência sinestésica autóctone africana [que] se re-atualiza na estética do ritual, da celebração e das *performances* carnavalescas no Caribe, na América do Norte e Sul, no Oriente Médio e Europa. Também estão inclusos nestas práticas o Candomblé, Voudun, Santeria, Lucumi, Mardi Grãs, Oshun, John Konnu e hip-hop.” (Irobi, 2012, 2080).

Tendo como suposto que os estudos sobre África Contemporânea frequentemente se colocam na observação da relação entre o “eu” e o “outro”, a associação entre os mundos sagrado e material presentes na liturgia do Candomblé e Umbanda, podem servir para as comparações e para a materialização da cultura do outro lado do Atlântico. Além disso, os espaços rituais dessas religiões podem expor as diferenças de sociedades hierarquizadas por pressupostos não econômicos (Greeb et. al, 2014, p.34), bem como as sociedades africanas antes da colonização.

Desse modo, o que se presentifica na manifestação ritual das religiões afro-brasileiras no Brasil é a existência de dois mundos que, evidentemente, se encontram na existência do homem tanto no Brasil, quanto em África: o mundo material e espiritual.



Nas sociedades africanas, o espaço religioso frequentemente se renova e modifica seu lugar nos corpos, mentes e cotidianos dos seres vivos. No nosso lado dos trópicos, estas transformações notadamente se manifestam em qualquer manifestação religiosa. Assim, o professor na tarefa de condução de um conhecimento sobre África deve ter em mente que as religiões africanas no Brasil podem servir como uma problematização das múltiplas temporalidades e subjetividades a serem observadas e respeitadas quando da análise do continente africano. Além disso, esse tipo de relação pode colocar em xeque os pressupostos da visão de uma tradição como sinônimo de intocável, imutável e sem penetração externa. Por fim, o que se objetiva nessa relação do homem entre dois mundos, é a insuficiência da análise do homem como um ser completamente independente do meio social, livre das influências de seu meio e de uma sociedade (Cf. Williams, 1979, p.140). As religiões afro-brasileiras, portanto, podem colocar em destaque a materialização da fé no cotidiano e nas formas de pensamento tanto no Brasil quanto em África.

A ORALIDADE E A TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO EM DOIS LADOS DO ATLÂNTICO

...a forma como o conhecimento nas religiões afro-brasileiras é veiculado (em termos totalizantes da observação, e não fracionados em perguntas e respostas) faz com que nem sempre seja possível, para os religiosos, organizarem suas experiências de forma compartimentada, tal como lhe é solicitado pelo roteiro das entrevistas. O conhecimento é apresentado em forma de parábolas, de mitos, de casos aparentemente sem sentido imediato, em horas aparentemente inapropriadas, durante uma refeição, num intervalo de um ritual... (Silva, 2000, p.45)

Se queres saber quem eu sou,
Se queres que te ensine o que eu sei,
Deixa um pouco de ser o que tu és,
E esquece o que sabes. (Boka, Tierno, sábio de Bandiagara. Apud: Hampaté-bâ, 1982, p.218).

Uma das relações mais nítidas e evidentes entre as tradições africanas e o conhecimento adquirido pelas religiões afro-brasileiras está na oralidade. Já em meados da década de 1980, quando da primeira organização da coleção de História Geral da África, Jan Vansina já nos legava pistas para essa chave de compreensão do continente: “uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais [...], isto é, a tradição oral [...] é um testemunho transmitido



verbalmente de uma geração para outra” (p.157). A definição de Vansina nos serve para a apreensão de um fenômeno recorrente para os estudos das religiões afro-brasileiras: a diferença entre as sociedades pautadas na escrita – que acabam por relegar suas memórias menos importantes à oralidade – e o oposto: sociedades que valorizam a oralidade ao ponto de suas tradições e costumes serem transmitidos por ela. Os casos das religiões afro-brasileiras e das sociedades africanas tradicionais, evidentemente, são facilmente localizados no segundo exemplo. Além de a oralidade ser a base de transmissão de conhecimentos em candomblés, umbandas, quimbandas, etc. as ferramentas de história oral permitem o cruzamento de informações, observações das disputas e ainda permitem uma construção histórica amparada no presente.

Considerando que o historiador deve - em seu horizonte teórico ou didático – problematizar as instituições em sua própria temporalidade (Cf.Vansina, 1982, p.169), o que está em evidência no estudo e comparação de um tempo mítico (as religiões afro-brasileiras) e um tempo cronológico (o estudo e análise de sociedades africanas tradicionais) é a preponderância da palavra como ferramenta de transmissão de saberes e práticas. Mais do que isso, as narrativas produzidas pelos praticantes das religiões afro-brasileiras no decorrer de sua história podem revelar não só sua relação com uma África mítica, mas com uma série de histórias que podem ser traduzidas de modos diferentes em ambas as realidades; cumprindo não só os pressupostos da temática como da disciplina histórica.

Não se deve perder de vista, por fim, que o confronto de narrativas e conhecimentos de ambas as realidades justapostas para o ensino das Áfricas no Brasil, não significa somente a utilização de textos míticos ou mesmo de permanências religiosas das sociedades tradicionais na constituição de Candomblés e Umbandas. Canções e expressões dessas religiões brasileiras em línguas africanas são igual fonte de absorção para essa interlocução. Além disso, um estudo de Áfricas em contexto escolar pode levar em consideração questões de formação e parentesco nos dois lados do Atlântico.

SOBRE A FAMÍLIA E O SAGRADO

...o enfoque mítico – é preciso reconhecê-lo – está na origem da história de todos os povos. Toda história é originalmente uma história sagrada. Do mesmo



modo, esse enfoque acompanha o desenvolvimento histórico, reaparecendo de tempos em tempos sob formas maravilhosas ou monstruosas. (Hama;Ki-Zerbo, 1982, p.65)

Considerando que esse texto se supõe como uma defesa das religiões afro-brasileiras para o ensino de África no Brasil, devem-se enumerar as possibilidades de uma relação com a família e o sagrado na constituição dos grupos observados pelo historiador/professor.

Em primeiro momento, a religião no continente africano não pode ser entendida como uma tradução de uma religião ocidental em outro contexto. As religiões tradicionais africanas se constituem como um aprofundamento do ser, manifestadas em todos os espaços da vida social do indivíduo (Olupona, 2000, p.26). Nesse sentido, a aproximação com as religiões afro-brasileiras é evidente. Para além dessa comparação, o conceito de religião em África está intrinsecamente relacionado com a ideia de solo tradicional e das redes familiares, formadas por um poderoso ancestral. Se mobilizarmos essas categorias para a compreensão do universo religioso afro-brasileiro, estaremos, no limite, tratando de conceitos similares na constituição desses cultos no Brasil. Deve se ressaltar, ainda, que, diferente dos Estados Unidos, não houve forte incentivo para a constituição de famílias de escravizados (Cf. Gilroy, 2001; Bastide, 1971, Segato, 2000, p.82), cabendo à religião uma nova organização familiar nas terras do colonizador.

Deve-se ressaltar, entretanto, que a acomodação de uma nova organização familiar em terra estrangeira se deve muito mais ao esforço em aglutinar grupos étnicos distintos para fins de organização do comércio de escravizados, cujo apogeu se deu no século XV até o XIX. As “nações” – termo que se tornou comum na designação de candomblés e umbandas – foram agrupamentos dos mercadores de escravos por razões diversas ao componente étnico. Desta feita, conforme análise de Nicolau dos Santos Parés (que serve também como argumento desse parágrafo), “as zonas ou portos onde os escravos eram comprados ou embarcados, uma área geográfica relativamente comum e estável de moradia e uma semelhança de componentes linguístico-culturais”⁶ (Parés, 2007, p.29), foram agrupamentos estabelecidos pelo processo do tráfico atlântico e re-

⁶ Ainda que só a conclusão do argumento exposto por mim tenha sido diretamente parafraseada, o restante do raciocínio aqui rearticulado pode ser encontrado na mesma obra a partir da página 23.



significados pelos cativos no solo brasileiro. Nesse sentido, as “nações” foram novamente definidas em relações com a ancestralidade e a origem (abruptamente cortada) com a África. Portanto, e novamente em Parés, “A formação de nações africanas no Brasil é aqui entendido especialmente como o resultado de um processo dialógico e de contraste cultural ocorrido entre os diversos grupos englobados sob as várias denominações metaétnicas” (Idem, p. 27).

Ainda que essas “novas redes familiares”⁷, não possam ser entendidas como uma simples reprodução da religião em África, mesmo que algumas organizações e características desse cultos no Brasil possam remontar aos costumes apreendidos e explorados pela ancestralidade africana do (a)s cativo (a)s. Esse fenômeno pode ser edificado pelo historiador, por exemplo, na predominância de mulheres na liderança dos terreiros, em detrimento da estrutura patriarcal luso-brasileira que privilegiava o homem como base familiar. Em África, a mulher em muitas sociedades carregava a fertilidade e os segredos da criação. Nesse sentido, elas são a base para a permanência e vivência de uma tradição (Landes, 2002, p.313-314)⁸ e, portanto, elemento de proeminência na maior parte das sociedades africanas.

A relação com a ancestralidade ou com o mito criador - mencionados no parágrafo anterior em análises sobre as religiões afro-brasileiras – pode ser igualmente aferida em formações sociais do continente africano, conforme a análise de Bobou Hama e Joseph Ki-Zerbo (1982): “percebe-se [no Império do Mali] como o passado, através do culto, está diretamente ligado ao presente, constituindo-se os ancestrais agentes diretos e privilegiados dos negócios que ocorrem séculos depois deles” (p.62).

No desenrolar da análise de Hama e Ki-Zerbo já citada, os autores colocam em evidência o valor das relações de força e poder para a constituição das sociedades africanas pré-colonização (p.68-70). Nesse pensamento, a tradição (e sua importância) é realçada pelas efemérides de dominação e supremacia em relação a outros grupos ou mesmo em relação à natureza. Desse ponto, a perspectiva adotada interessa à

⁷ Utilizo o termo mais como um adjetivo do que um conceito. Entendo por novas redes familiares no solo brasileiro, os laços de parentesco gerados pela filiação ao “provedor” da iniciação ao ritual ou Pai/Mãe de Santo; além da filiação direta ao espírito mítico (seja o orixá do Candomblé ou aos espíritos da Umbanda).

⁸ Além desses textos, o mesmo fenômeno pode ser observado na análise de Vivaldo da Costa Lima em 1971 (Lima, Vivaldo da Costa. *Organização do grupo de Candomblé*. Estratificação, Senioridade e Hierarquia. In: Moura, Carlos Eugênio Marcondes. *O culto aos orixás, voduns e ancestrais nas religiões afro-brasileiras*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.).



empreitada desse texto por outra razão evidente na constituição do campo religioso afro-brasileiro no Brasil: a existência e resistência em uma sociedade calcada no patriarcalismo e no imaginário cristão.

Em suma, o que se pretende objetivar com a ancestralidade, tanto em sociedades africanas tradicionais, quanto nas religiões afro-brasileiras é o desdobramento do tempo mítico na materialidade do tempo social (Idem). Nesse sentido, a ancestralidade não é somente um espaço folclórico, mas o lugar por onde toda a existência, passado, presente e futuro do indivíduo se revelam. Justamente por entender que estes conceitos escapem em uma sociedade pautada pela escrita (Cf. Vansina, 1982), a aproximação com grupos sociais mais próximos da realidade do observador pode ser uma ferramenta útil para a relação com uma África ainda não completamente povoada no pensamento e nas relações estabelecidas pelo senso comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A religião é, antes de tudo, uma construção sócio-cultural. Portanto, discutir religião é discutir transformações sociais, relações de poder, de classe, de gênero, de raça/etnia; é adentrar num complexo sistema de trocas simbólicas, de jogos de interesse, na dinâmica da oferta e da procura; é deparar-se com um sistema sócio-cultural permanentemente redesenhado que permanentemente redesenha as sociedades (Souza, 2008, p. 122-123).

Ainda que este artigo se circunscreva em uma relação de história comparativa e verse somente nas possibilidades e atribuição de sentidos instrumentalizadas pela história, outras discussões podem ser feitas sobre África com as religiões afro-brasileiras como base, à saber: os rios e cidades cuja a denominação corresponde a nomes de Orixás na região da atual Nigéria ou Benim, por exemplo. Nesse sentido, desde a relação com Xangô e a cidade de Oió (atual Nigéria), por exemplo (Prandi, Vallado, 2011), ou mesmo a cidade Keto (no atual Benim) com o candomblé de mesmo nome, tido como um dos mais tradicionais no país; dado a fundação do Candomblé da Casa Branca do Engenho em Salvador filiado a essa tradição (Silva, 1994, p. 59). Mais do que isso, a região do antigo Reino Iorubá (Séc.IX a XIX) conta com um rio chamado Osum (Oxum) que deságua na capital Lagos da atual Nigéria.



Os cânticos (entoados no Iorubá moderno) utilizados nas cerimônias do Candomblé nos servem de indícios das sobrevivências das línguas dos reinos Iorubás, presentes no cotidiano de alguns brasileiros (Cf. Castro, 2001). Ainda nas análises linguísticas, expressões contemporâneas de grupos minoritários como o “Pajubá” (Cf. Oliveira, 2013) carregam expressões do Iorubá e do Fon. Nesse pensamento, as religiões afro-brasileiras não servem somente à história (como a disciplina escolar que normalmente se encarrega da aplicação da lei 10639/03), mas de uma série de outras disciplinas da formação escolar do indivíduo.

Desse modo, entendemos que a exclusão de conteúdos relacionados as religiões afro-brasileiras como não somente uma acomodação a interesses de religiões cristãs na educação, mas também como uma reprodução do pensamento colonial acerca de qualquer manifestação religiosa não cristã. Como procuramos demonstrar nesse texto, as religiões afro-brasileiras podem e devem servir como um fomento para as discussões de África no Brasil; não somente pela permanência de traços culturais e ancestrais de religiões afro-brasileiras e sociedades africanas de antes da colonização, mas também pela necessidade de valorizarmos a importância de grupos que, no Brasil, foram e são política e historicamente marginalizados.

REFERÊNCIAS

BAKKE, Rachel Rua Baptista. “*Na escola com os orixás*”: o ensino das religiões afro-brasileiras na aplicação da lei 10.639. Tese (Doutorado em Antropologia): Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP, 2011).

COUTO, Mia. “*Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*”. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GILROY, Paul. “*O Atlântico negro*”: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34, 2001.

GREEB, Daniela; LAMBIGALINI, Vanessa; BARBAN, Vilma. “*Ancestralidade africana no Brasil*”: memória dos pontos de leitura. São Paulo: Instituto de Políticas Relacionais, 2014.

HAMPATÉ-BÂ, Amadou. “*A tradição viva*”. In: KI-ZERBO, Joseph (Coord.). “*Coleção História Geral da África da UNESCO*”, v.1 (Metodologia e pré-história da África). São Paulo: Editora Ática, 1982, pp. 182-218.

IROBI, Esiaba. “*O que eles trouxeram consigo*”: Carnaval e persistência da performance estética africana na diáspora. In: Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História da PUC/SP. São Paulo: n. 44, pp. 273-293, jun. 2012. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/9857/9824>. Acesso em: 20/04/2015.



LANDES, Ruth. 2002. *“A Cidade das Mulheres”*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.

OLIVEIRA, Fernando Alves de. *“A influência da linguagem do Candomblé no falar dos homossexuais”*. Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 2, n. 3, p. 3-12, dez. 2013.

OLUPONA, Jacob K. *“Introduction”*. In: _____ (Org.). *“African Spirituality”*: Forms, Meanings and Expressions. Nova York: Crossroad, 2000.

PARÉS, Luis Nicolau. *“A formação do candomblé”*: história e ritual da nação jeje na Bahia. 2. ed. Campinas: Universidade de Campinas, 2007.

PRANDI, Reginaldo; VALLADO, Armando. *“Xangô, Rei de Oiô”*. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/sociologia/prandi/xangorei.htm>. Acesso em: 22/04/2015.

SEGATO, Rita Laura. *“Inventando a natureza”*: família, sexo e gênero no Xangô do Recife. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (Org.). *“Candomblé”*: Religião do corpo e da alma: tipos psicológicos nas religiões afro-brasileiras. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *“Candomblé e umbanda”*: caminhos da devoção brasileira. São Paulo: Ática, 1994.

_____. *“O Antropólogo e sua magia”*: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

SOUZA, Marina de Mello e. *“África e Brasil africano”*. São Paulo: Ática, 2008.

VANSINA, Jan. *“A tradição oral e sua metodologia”*. In: KIZERBO, Joseph (Coord.). *“Coleção História Geral da África da UNESCO”*, v.1. São Paulo: Ática, 1982.

VERGER, Pierre. *“Notas sobre o culto aos orixás e voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos, na África”*. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

VEYNE, Paul. *“Como se escreve a história”*. 3 ed. Brasília: Editora da UNB, 1995.

WILLIAMS, Raymond. *“Marxismo e literatura”*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

*Recebido em junho de 2016
Aprovado em setembro de 2016*